

PRÁTICAS DE LEITURA E LETRAMENTO NA EJA

SILVA, Margarete Fátima Pauletto Sales¹
OIVEIRA, Ana Arlinda de²

RESUMO

Este artigo objetiva apresentar sucintamente um trabalho de pesquisa qualitativa na Educação de Jovens e Adultos, no que se refere às práticas de leitura em uma sala da primeira fase - segundo segmento. Os alunos jovens e adultos produzem e utilizam a comunicação no seu cotidiano de maneira mais intensa por serem trabalhadores e cidadãos atuantes. Acredita-se então, que a construção de metodologias que criem condições para o desenvolvimento dos níveis de letramento contribuirá para uma aprendizagem significativa daqueles que tardiamente chegam à escola. Conforme dados coletados observa-se que a professora não apresenta muitos gêneros textuais nas aulas. Na entrevista ela reconhece a importância de possibilitar o contato com a diversidade textual, mas contraditoriamente, afirma que não oferece aos alunos livros de literatura, porque acredita que eles não apresentam condições para compreender esse gênero. Por outro lado, os alunos entrevistados afirmam ler jornais, revistas, mensagens, romances, entre outros. É possível afirmar que os alunos apresentam condições de compreender a diversidade textual existente em nossa língua.

PALAVRAS-CHAVE: EJA; Leitura; Letramento; Gêneros Textuais.

Introdução

A pesquisa, da qual trataremos nas páginas que se seguem, é resultado de um trabalho em nível de Mestrado, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso, cujo objetivo foi investigar sobre as práticas de leitura e letramento de 25 alunos de uma sala de primeira fase - segundo segmento da EJA, e uma professora de Língua Portuguesa de uma escola estadual de Rondonópolis-MT.

Ao analisar o contexto histórico da modalidade de ensino EJA percebe-se a carência de atenção por parte das políticas educacionais, pois somente de algumas

¹ Mestranda do PPGE/UFMT/IE – Linha de Pesquisa Culturas Escolares e Linguagens. GEPLL – Grupo de Estudos e Pesquisas em Leitura e Letramento. End: Avenida Goiânia,2273, Residencial Buriti – Rondonópolis – MT. CEP 78715-120. margaretepauletto@hotmail.com

² Profª. Drª. do PPGE/UFMT- Instituto de Educação. Linha de Pesquisa Culturas Escolares e Linguagens. GEPLL – Grupo de Estudos e Pesquisas em Leitura e Letramento.End.: rua Pará no.300 - Morada da Serra II – Cuiabá-MT. CEP 78055-488. aarlinda @terra.com.br

décadas para cá, esta modalidade de ensino foi reconhecida na LDB, quando afirma o direito à Educação, inclusive àqueles que não a tiveram na idade própria. A partir de então surgiram fóruns de debates mais intensos para a resolução de problemas referentes a este ensino que carece ainda de maior atenção das políticas públicas.

A modalidade EJA não possui uma formação específica e, normalmente, os profissionais que nela trabalham não tiveram escolha, ou seja, assumiram por não ter outra alternativa.

Muitos são os questionamentos recorrentes e pertinentes ao ensino de jovens e adultos e também de fundamental importância são os estudos e pesquisas emergentes neste campo de investigação. Consideramos aqui como fundamental as pesquisas que possam auxiliar na qualidade do ensino na EJA, pois hoje o problema maior não é trazer o aluno de volta à escola, mas sim fazer com que este permaneça. E só um ensino de qualidade, voltado às necessidades reais dos alunos será capaz de cativar e de manter estes alunos na escola.

Percebe-se no cotidiano que o problema não está mais em trazer o aluno à escola e sim em como fazer para que ele permaneça.

O educador tem a responsabilidade direta na luta pela permanência do aluno e isto só será possível se houver a preocupação constante com a qualidade do ensino e como professora de Língua Portuguesa, tem responsabilidade ímpar no desenvolvimento da leitura e do letramento dos alunos que tardiamente chegam ou retornam à escola.

A linguagem é o mecanismo fundamental de comunicação e de inserção prática nas atividades comunicativas humanas. O aluno jovem e adulto vem à escola com o domínio da linguagem, pois a aplica desde a mais tenra idade. Entretanto, esta linguagem precisa ser melhor elaborada para atender às necessidades impostas neste

século em que a velocidade de produção e de difusão de novos conhecimentos exige de nós constantes atualizações e estas só serão possíveis através de práticas pedagógicas que proporcionem o desenvolvimento da leitura e do letramento com a compreensão do que se faz e para que se faz.

Segundo Silva (2002), no Brasil encontramos inúmeros problemas na área da leitura: formação deficitária do professor; falta de recursos financeiros para aquisição de livros; falta de bibliotecas nas escolas ou de condições adequadas ao seu uso (acervo pobre, inexistência de bibliotecária, etc.); os meios de comunicação de massa que atraem pelos seus inúmeros recursos audiovisuais e não exigem uma educação formal para sua compreensão, pois estão a serviço da ideologia da classe dominante.

Enquanto isto, o professor, em suas práticas diárias, procura realizar seu trabalho enfrentando tantas limitações com carência de formação inicial e continuada, muitas vezes desestimulado em se atualizar e pesquisar para superar as limitações.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, no que tange ao ensino de Língua Portuguesa, constituem um avanço para o processo de ensino-aprendizagem de leitura e produção de textos na educação básica. A partir de uma metodologia de enfoque enunciativo-discursiva, propõem uma ruptura com o ensino de língua materna que foi efetivada na escola, de maneira normativa e conceitual. A essa proposta subjaz uma concepção de linguagem – o sócio-interacionismo – postura epistemológica presente em diversas áreas do conhecimento, que defende a tese de que as condutas humanas resultam de um processo histórico de socialização, possibilitado especialmente pela emergência e pelo desenvolvimento dos instrumentos semióticos.

É necessário que o sujeito, para além do domínio do código, seja oral, escrito ou demais linguagens, compreenda o caráter ideológico dos discursos presentes no cotidiano, veiculado pelos mais diversos meios de comunicação.

No campo da linguagem, essa corrente está presente, sobretudo, nos trabalhos desenvolvidos por Bakhtin (2004) e nos estudos de Vygotsky (2001), cujas pesquisas, no campo da psicologia, salientam o papel decisivo das intervenções sociais e do processo interativo na formação das capacidades cognitivas do homem.

Para contemplar esta proposta de trabalho foram necessárias algumas reflexões e discussões mais aprofundadas sobre a prática pedagógica nas aulas de Língua Portuguesa da turma pesquisada, para o desenvolvimento da leitura e do letramento com diferentes gêneros textuais já que,

Ler é, em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo. (SILVA, 1984, p.45)

[...] ler é realmente participar mais crítica e ativamente da comunicação humana ou a leitura é uma forma de encontro entre o homem e a realidade sociocultural. (SILVA, 1984, p.41)

Entendendo então, que o relacionamento social é determinado pela comunicação, pode-se dizer que os gêneros discursivos produzidos e utilizados pelos indivíduos determinam esse relacionamento.

Desta forma, os alunos jovens e adultos produzem e utilizam a comunicação no seu cotidiano, de maneira mais intensa, por serem trabalhadores e cidadãos atuantes e, por isto, necessitam aprimorar o conhecimento de forma sistematizada para que os aspectos da linguagem na interação do indivíduo com o uso e a conseqüente adequação às situações sejam cada vez mais motivos de inclusão social.

Contextualizando a Educação de Jovens e Adultos

É inquestionável a importância da Educação na vida do ser humano!

Em consonância com o pensamento de Pinto (1984, p.29) “a educação é o processo pelo qual a sociedade forma seus membros à sua imagem e em função de seus interesses”. E, ainda, “educação é formação do homem pela sociedade, ou seja, o processo pelo qual a sociedade atua constantemente sobre o desenvolvimento do ser humano no intento de integrá-lo no modo de ser social vigente e de conduzi-lo a aceitar e buscar os fins coletivos” (Pinto, 1984, p.29).

Assim sendo, “a educação é um fato social”. E, como tal, deve ser por toda vida e o conhecimento que se vai adquirindo é um passo fundamental na construção da liberdade e da felicidade das pessoas. Para que isto aconteça a Educação deve ser um ato de amor! Paulo Freire, mestre incondicional, falava da utopia enquanto ato de denunciar a sociedade naquilo que ela tem de injusta e de desumanizadora e enquanto ato de anunciar a nova sociedade. O amor no ato de educar proporcionará a formação de seres que sonhem com uma sociedade humanizada, justa, verdadeira, alegre, com participação de todos nos benefícios para os quais se trabalha. Goethe, pensador alemão, já dizia que, “para que alguém possa ser algo especial, é necessário que se acredite”. Portanto, para a construção da Educação e da utopia da humanização, é preciso acreditar nela.

Assim entendendo, torna-se necessário dar destaque a Educação de Jovens e Adultos, pois esta,

...é um campo carregado de complexidade que carece de definições e posicionamentos claros. É um campo ainda não consolidado nas áreas de pesquisa, de políticas públicas e diretrizes educacionais de formação de educadores e intervenções pedagógicas (SOARES, 2005, p.7).

No Brasil, entretanto, as efetivas práticas educacionais na defesa da escola pública de EJA passaram por muitos processos. A legislação e os discursos políticos assumem, endossam e veiculam a idéia de que a educação é um direito inalienável de

todos os membros da família humana, conforme está expresso na Declaração Universal dos Direitos Humanos proclamada em 1948. No entanto, persistem os altos índices de analfabetismo, denunciando a injustiça social e a pouca eficiência dos projetos educacionais.

Segundo Cury (2005, p.41) a escola não chegou a todos os brasileiros devido a uma longa história que começa com o desapareço dos colonizadores para com a leitura e a escrita a ser dada aos habitantes desse país. Tem a ver, também, com um país bastante injusto que não consegue distribuir suas riquezas de modo que todos possam ter acesso aos bens sociais e necessários a uma participação política consciente, bem como com um determinado tipo de escola que ainda não conseguiu entender os diferentes perfis de alunos.

Atualmente, num contexto de extrema velocidade de produção de novos conhecimentos e difusão dos mesmos, ser analfabeto significa permanecer excluído de um direito legítimo de participação em todos os âmbitos da sociedade.

Por intermédio de um trabalho comprometido com a valorização e o cumprimento das ações dos projetos que envolvem a Educação de Jovens e Adultos, será possível resgatar a confiança e a autonomia, próprias de uma educação inclusiva, contribuindo para a construção de uma sociedade igualitária, e, também, para o pagamento da grande dívida social brasileira no que se refere ao processo histórico já citado de exclusão educacional.

Os Gêneros Textuais e a EJA

“Mas você sabe que a pessoa pode encalhar numa palavra e perder anos de vida?” (Clarice Lispector)

“[...] É que as palavras, com essa coisa de se plantarem em nossa vida, nos alimentam e nos matam, são remédio e veneno, e, como os produtos de uma farmácia, são drogas que podem matar ou curar. É uma questão de alquimia verbal saber administrá-las. E Aurélio Buarque, nosso farmacêutico de

plantão, uma vez me aconselhou: "Nós temos que dar oportunidade às palavras." Quer dizer: elas não podem ficar por aí desprezadas no amorfo dicionário, têm que ser desfrutadas, expor seu belo corpo à luz do nosso prazer." (Romano,1986)

Pedimos licença então às “palavras-coisas” e às “palavras-pessoas” para adentrar vagarosamente no seu mundo. Um mundo de comunicação tão necessária à vida! Um mundo que nos é apresentado na mais tenra idade, mas que precisa ser lapidado por toda vida. A comunicação é uma questão importante que se apresenta como ponto decisivo de sobrevivência. No entanto, quando ela se dá de modo precário acarreta limitações ao acesso aos bens culturais e ao exercício pleno da cidadania.

Quando o aluno de EJA chega ou retorna à escola há que se considerar o amplo repertório de conhecimento de mundo já adquirido, por meio do contato com a linguagem no decorrer de suas vidas. Entretanto, ainda não adquiriu ou está em processo de construção acerca dos conhecimentos do sistema lingüístico, dos conhecimentos da organização textual e dos conhecimentos de outros meios semióticos.

É preciso, desta forma, que a escola possibilite a aquisição destes novos e importantíssimos conhecimentos para o desenvolvimento intelectual do aluno e, conseqüentemente, maior inclusão social, pois atualmente, num contexto de extrema velocidade de produção de novos conhecimentos é preciso ter acesso a todo e qualquer tipo de linguagem existente. Daí se destacar a grande importância do professor trabalhar com diversidades textuais em sala estimulando sempre a discussão sobre o texto.

Entretanto, um trabalho adequado com gênero textual exige a compreensão de que a leitura de um texto não se faz apenas pela significação das palavras e das frases ali presentes. Há que considerar a situação em que o texto foi produzido, as inferências que se podem obter de determinadas situações a partir do conhecimento de mundo dos participantes no ato da comunicação envolvendo também fatores intelectuais,

emocionais, biológicos, culturais, econômicos e políticos do leitor que resultam na interação entre o leitor e o texto.

Convém afirmar que o trabalho com a leitura, compreensão e produção escrita na Educação de Jovens e Adultos deve ter como meta primordial o desenvolvimento de habilidades para que o aluno seja capaz de usar um número cada vez maior de recursos da língua para produzir efeitos de sentido de forma adequada a cada situação específica de interação humana.

Surge, portanto, um conceito atual que vai além da leitura denominado “letramento”. Conforme discute Mortatti (2004),

saber ler e escrever, saber utilizar a leitura e a escrita nas diferentes situações do cotidiano são, hoje, necessidades tidas como inquestionáveis tanto para o exercício pleno da cidadania, no plano individual, quanto para a medida do nível de desenvolvimento de uma nação, no nível sociocultural e político (MORTATTI, 2004, p.15)

De acordo com estudos levados a efeito na EJA, muito se tem feito no intuito de avançar nos propósitos e objetivos educacionais brasileiros de uma maneira geral, prezando pela qualidade do ensino tão necessária à verdadeira inclusão social. E, apesar da escola nem sempre dar conta de cumprir adequadamente tal papel, e tendo em vista as atuais condições sociais, econômicas e culturais em que vive a grande maioria da população brasileira, ela, ainda, é o lugar em que se pode adquirir conhecimentos necessários a uma maior inclusão social. Entretanto, não basta a escola oferecer o desenvolvimento de habilidades de codificação e decodificação da linguagem escrita. É necessário, além disto, desenvolver a leitura e o letramento para as contínuas exigências sociais. Kleiman (2003) em suas proposições para a Educação de Jovens e Adultos entende que, *“o letramento é, hoje uma das condições necessárias para a realização do cidadão: ele o insere num circuito extremamente rico de informações sem as quais ele, (...) nem poderia exercer livre e conscientemente sua vontade”*.

Para a autora, o homem contemporâneo é afetado por outros homens, fatos e processos, por vezes tão distantes do seu cotidiano, que somente uma rede muito complexa de informações podem dar conta de situá-lo na teia de relações em que se encontra inserido. Portanto, o domínio da escrita assume função primordial, pois lhe permite acesso e reflexão sobre as relações sociais de modo a fundamentar suas ações no mundo.

Assim sendo, é necessário que o profissional atuante na Educação de Jovens e Adultos, conheça a grande variedade de práticas da linguagem, tanto as já consagradas, como as novas formas de expressão presentes no cotidiano, desenvolva, na sua interação com os alunos, um trabalho adaptado às necessidades da turma, enfatizando, de início, os gêneros com os quais o grupo tem afinidade maior, apresentando também diferentes gêneros de textos (verbais e não-verbais), usados em diferentes situações e com objetivos diversos, de modo a ampliar a competência comunicativa do aluno e seu papel social. Os seres humanos são capazes de captar os dados da realidade e acumular um saber mais efetivo, de modo que conforme afirma Paulo Freire, “... não haja ignorância absoluta, nem sabedoria absoluta.”

Importa ressaltar aqui que para Bakhtin (2003),

a riqueza e a variedade de gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (BAKHTIN, 2003, p.249)

Também importa refletir sobre o que dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais (MEC, 1998):

[...] a escola deve assumir o compromisso de procurar garantir que a sala de aula seja um espaço onde cada sujeito tenha o direito à palavra reconhecida como legítimo, e essa palavra encontre ressonância no discurso do outro. Trata-se de instaurar um espaço de reflexão em que seja possibilitado o contato efetivo de diferentes opiniões, onde a divergência seja explicitada e o conflito possa emergir; um espaço em que o diferente não seja nem melhor nem pior, mas apenas diferente, e que, por isso mesmo, precise ser considerado pelas possibilidades de (re)interpretação do real que apresenta um espaço

em que seja possível compreender a diferença como constitutiva dos sujeitos (PCNs, 1998, p. 48).

A escola se torna então um ambiente privilegiado para a aquisição do conhecimento e, às vezes, apresenta-se como única opção de acesso à variedades textuais, seja por desconhecimento da multiplicidade de gêneros ou por impossibilidade financeira de aquisição de obras mais significativas.

A aplicação de diferentes gêneros textuais propiciará a especificidade do processo de construção e de apropriação do conhecimento pelo indivíduo adulto a partir de suas características, de seus interesses, de suas motivações, de suas aspirações e de suas condições reais de vida. É claro que a escola, isoladamente, não será a chave que abrirá as portas fechadas para essas pessoas, mas, com certeza, terá papel fundamental no processo de participação social e de edificação de uma sociedade socialmente mais justa.

Fundamentos Metodológicos - As Trajetórias da Pesquisa

Suporte Teórico da Pesquisa Qualitativa

De acordo com a natureza deste trabalho, os procedimentos adequados foram os embasados na abordagem qualitativa, pois se tratou de uma investigação no ambiente escolar tendo como objeto a Educação de Jovens e Adultos e como sujeitos uma professora de Língua Portuguesa e vinte e cinco alunos de uma sala de primeira fase – segundo segmento.

Buscou-se, desta forma, compreender as ações dos sujeitos no contexto em que estão inseridos embasando-se em Bogdan e Biklen (1994) na realização da observação e da entrevista. *“O investigador introduz-se no mundo das pessoas que pretende estudar, tenta conhecê-las, dar-se a conhecer e ganhar a sua confiança, elaborando um registro*

escrito e sistemático de tudo aquilo que ouve e observa.” Bogdan e Binklen, 1994, p. 16). Durante o processo de observação os registros são ricos em descrições que “tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registrados ou transcritos.” (Bogdan e Biklen, 1994 p.48).

É preciso, na pesquisa qualitativa, estar atento a todo e qualquer detalhe que possa me dar pistas do fenômeno investigado. (na situação de observador/pesquisador nos damos conta de tanta coisa que acontece em sala e que até então, como educador, não havíamos percebido...)

Enfim, como afirma Sabaj (1998),

a análise da realidade consiste em nos acercarmos dela, desvelá-la e conhecê-la, com a finalidade de melhorá-la, pois a realidade é algo que nos é dado, o que existe, o âmbito em que se desenvolve a vida do homem e tudo aquilo com que ele se relaciona. Implica em saber onde se está, onde se quer ir e onde se quer chegar (SABAJ, 1998, p.3) .

A Configuração do Problema da Pesquisa

O problema deste trabalho foi definido a partir da seguinte questão principal:

- As práticas de leitura presentes em uma sala de primeira fase do segundo segmento da EJA em uma escola estadual de Rondonópolis - MT, favorecem o letramento dos alunos?

Também foram considerados alguns questionamentos que nortearam a pesquisa:

- Os gêneros textuais estão presentes na prática pedagógica durante as aulas de Língua Portuguesa nesta sala de aula?

- A prática realizada com os gêneros textuais vem ao encontro da visão sócio-interacionista da linguagem?

Conforme Oliveira (2005, p. 24), “é na pluralidade que se configura a vida cotidiana e a escola é, por excelência, o local onde o plural emerge mesmo que haja imposição de normas”.

Foi então neste ambiente de pluralidade que adentramos em uma escola estadual e durante 5 meses permanecemos para observar, ouvir e refletir sobre o trabalho com a leitura desenvolvido pela professora MAR na sala da primeira fase segundo segmento.

Não se descobre fatos extraordinários e totalmente inéditos numa escola, mas os fatos corriqueiros podem nos mostrar muito do que já se está fazendo em educação e o que ainda pode ser feito.

A Escola Estadual Lucas Pacheco de Camargo, está situada em Rondonópolis, no Bairro Jardim Vera Cruz, e foi escolhida para a realização da minha pesquisa, com o critério de ser uma escola com uma clientela realmente proveniente das classes populares e atender no período noturno apenas a modalidade EJA, tanto no ensino fundamental como no Médio.

Nos meses de pesquisa de campo foram observadas, mais especificamente, as aulas de Língua Portuguesa acompanhando também alguns acontecimentos no âmbito escolar tais como eventos realizados na escola durante o período do trabalho de campo com o objetivo de investigar as práticas de leitura e o desenvolvimento do letramento, em uma sala de primeira fase do segundo segmento da EJA. Foram feitas entrevistas semi-estruturadas com os sujeitos e relatórios das aulas observadas.

O referencial teórico

Esta pesquisa teve como suporte teórico estudiosos da perspectiva sócio-interacionista como, Bakhtin (1992), Halliday (1885), Koch (1993), Marchuschi (2003), Rojo (2004), Dolz (1997) e Bronckart (2004) cujas idéias defendem que o homem transforma o mundo através da utilização de instrumentos e a linguagem torna-se o instrumento essencial para uma atuação transformadora. Também Vigotsky (2001), cujas pesquisas, no campo da psicologia, salienta o papel decisivo das intervenções

sociais e do processo interativo na formação das capacidades cognitivas do homem, além de autores que discorrem sobre a leitura e o letramento como Magda Soares (2001; 2004; 2005), Mortatti (2004), Oliveira (2005), Silva (2003), Cardoso e Amâncio (2006) e Kleiman (1989; 1995; 2001; 2002), entre outros.

Ainda como muito importante nesta pesquisa com a modalidade EJA, em que os sujeitos são integrantes da educação popular, foram consideradas as idéias de autores consagrados como Freire (1976; 1992; 1980; 1985; 2002; 2006), Pinto (1984), Soares (2005), Gadotti (2007), Brandão (1988; 1990), Paiva (1973; 1987) e outros que discorrem sobre a educação libertadora, humanizadora e crítica, ou seja, Educação Popular, conforme necessidade das pessoas jovens e adultas.

Os Sujeitos da pesquisa

Como sujeitos integrantes da pesquisa, foram escolhidos vinte e cinco alunos de uma sala do segundo segmento da EJA, da escola Lucas Pacheco de Camargo e a professora de Língua Portuguesa, aqui denominada MAR. A escolha desta sala foi feita por ser a sala mais assídua, com baixo índice de evasão, com mais idade, que haviam parado de estudar durante muito tempo, até 30 anos, e que em 2006 muitos deles retornaram à escola, por intermédio de um projeto de alfabetização oferecido pela “Càritas Diocesanas de Rondonópolis” em parceria com o estado na própria escola citada e foram inseridos na EJA em 2007.

A professora MAR é formada em Letras e especialista em Literatura. Trabalha com a EJA há sete anos, sempre nesta mesma escola, como professora interina. É interessante destacar nesta oportunidade que, quando nesta escola durante cinco anos, uma das pesquisadoras, havia acompanhado o trabalho da professora MAR e percebia

que, dentre as professoras de Língua Portuguesa, ela era a que mais utilizava textos em seu trabalho pedagógico e priorizava a leitura para seus alunos.

Alguns resultados sobre as Práticas Pedagógicas

A partir das observações e das entrevistas realizadas com a professora e com os alunos é possível tecer algumas considerações.

A professora preocupa-se em realizar seu trabalho com dedicação. Demonstra um carinho muito especial pelos alunos e a reciprocidade é visível. Então o clima da sala é sempre de muita harmonia. Ela sempre enfatiza que pensa muito nos alunos ao preparar as aulas e se preocupa com a receptividade nas aulas com textos.

Olha eu fico assim naquela expectativa porque na verdade eu procuro sempre planejar as aulas como se eu fosse aluno, penso muito neles, como eles são, o que eles gostam, aí eu trago o texto, trabalho, passo tudo e quando eles dizem que gostaram muito, e vejo todo mundo participando eu sinto um alívio. Mesmo porque eu penso neles e procuro trabalhar a realidade deles.(MAR)

O nível de letramento da turma é razoável, pois se percebeu que os alunos buscam formas de leitura fora da escola. Tem apenas um aluno que ainda está em processo de alfabetização, mas possui um nível razoável de letramento, pois é capaz de refletir sobre o que escreveu com desenvoltura.

De acordo com suas histórias de alfabetização e leitura o avanço é significativo, pois muitos deles foram alfabetizados em 2006, depois de muitos anos sem estudar. Alguns relatam que quando estavam na idade própria foram à escola, inclusive até palmatória tinha, mas que por motivos sócio-econômicos não conseguiram prosseguir seus estudos. Assim, se expressa uma aluna:

Eu fui na escola quando eu era criança, assim... acho que eu tinha uns... uns 12 anos por aí. Estudei durante um mês só na escola, naquela época que tinha o ABC, que tinha que decorar a letra, que ia perguntando que letra é essa. Aí depois meu pai não deixou a gente estudar mais. Ele dizia que o meu caderno era o chão e a minha caneta era a

enxada. Mas como eu tinha decorado o ABC, eu aprendi a lê sozinha em casa. Quando o professor mostrou o ABC e o be+a=ba eu aprendi a juntar as palavras e li sozinha. (ISA)

Um dos alunos demonstra o quanto a leitura e a escrita são importantes para a vida cotidiana:

Pra mim graças a Deus tá sendo uma vantagem porque eu digo pra senhora, assim, não sei porque que quando chega um papel em casa a gente não sabendo lê, a gente tem que pedi pros outros, a pessoa vai fica sabendo o que tá passando. A gente sabendo lê, não precisa pedi pra ninguém. Enton-se quero estudá enquanto tive vida... pra mim tá sendo uma riqueza. (SIMPLIS)

Os alunos pesquisados são questionadores, apesar de observar-se que muitas oportunidades de diálogo são relegadas durante o trabalho pedagógico.

A professora não apresenta muitos gêneros textuais nas aulas. Intensifica seu trabalho com Literatura de Cordel. Na entrevista ela reconhece a importância de possibilitar diferentes textos para leitura, mas também diz que não adianta dar livros de literatura que eles não vão entender. Justifica em sua fala, que através da Literatura de Cordel ela proporciona textos de acordo com a realidade dos alunos e pode mostrar a linguagem coloquial, fazendo reestruturações com a linguagem culta.

O texto tem que ser aquele de acordo com a realidade do aluno. Por exemplo se é uma turma onde você observa que muitos falam a linguagem popular então uma dica até é a Literatura de Cordel. Porque a partir daí o aluno vai ver o certo. Assim você tem que mostrar a língua culta sim, mas eles se identificam com aquela linguagem. Eles dizem “professora como a gente vai transcrever isto a gente fala assim!” Você tem que mostrar pra eles que não é errado porque é uma forma de comunicação, não é errado, a gente entende, mas eu tenho que mostrar a norma culta pra eles. (MAR)

A professora reconhece a necessidade de seus alunos se apropriarem da forma culta da língua. Entretanto, para que isso seja incorporado pelo aluno de EJA, é necessário um trabalho criterioso com a variedade textual, para que possam compreender o que é um texto, e qual a função dos diversos gêneros que circulam socialmente.

Durante as aulas de leitura, se a professora não direciona os livros a serem lidos, os alunos se interessam pelos vários gêneros existentes na sala de leitura como poesias,

contos, reportagens, notícias, romances, literatura de cordel, literatura infanto-juvenil, piadas, gibis, etc... Isto significa que os alunos buscam aumentar seus níveis de letramento independentemente das escolhas feitas pela professora.

Algumas Considerações

Com base no confronto entre o que foi relatado na entrevista e o que foi observado, pude perceber pontos divergentes relacionados aos contextos das práticas sociais de linguagem trabalhadas na turma pesquisada da EJA. Percebi que a docente utilizou textos diversos, mas com métodos que visavam os aspectos funcionais da leitura e escrita (escrita na lousa, leitura em voz alta). De acordo com os dados observados/coletados foi possível constatar que o rico universo lingüístico de leitura e letramento na EJA vem sendo excluído das práticas pedagógicas em sala de aula. Neste sentido, Santos (2004) ressalta que o “nosso problema não é apenas de ensinar a ler e escrever, mas também de levar os indivíduos, sejam eles crianças ou adultos, a fazerem uso da leitura e da escrita, e a envolverem-se em práticas sociais”

Não quero enfatizar neste trabalho que a prática docente está totalmente errada. Mas vale ressaltar que o discurso da professora entrevistada não condiz, em alguns aspectos, com a prática pedagógica observada.

Houve algumas contradições entre o discurso e a atuação da docente, no que diz respeito às práticas de leitura na sala de aula da EJA, e isso reflete em uma educação pouco consistente no que se refere à formação de uma consciência crítica por parte do aluno.

Assim sendo, é necessário e urgente o investimento na formação específica para EJA e um trabalho intenso na formação continuada dos profissionais que nela atuam. Também é preciso uma política de lotação diferenciada aos professores de EJA para

solucionar a itinerância tão presente nesta modalidade. Como formar um profissional específico com formação continuada se no ano seguinte ele não dá continuidade no seu trabalho?

Através de tudo o que foi observado na pesquisa, afirmo que o professor deve aliar discurso inovador com prática efetiva, sem antagonismos, contradições, para que o aluno se torne o centro da prática educativa e conseqüentemente, adquira uma postura crítica para se tornar um cidadão pleno, pois “quando, porém, por um motivo qualquer, os homens se sentem proibidos de atuar, quando se descobrem incapazes de usar suas faculdades, sofrem” (Freire,2005, p. 75).

O fato dos alunos observados afirmarem serem leitores de vários gêneros que circulam nos ambientes em que eles freqüentam, como igrejas, associações, escola, lar e outros, demonstra claramente que a escola precisa trabalhar concatenada com as práticas já existentes nas vidas de seus alunos, ou seja, é de fundamental importância o professor conhecer bem seus alunos e procurar, através do trabalho sistematizado com a leitura e a escrita, aprimorar as próprias práticas dos alunos jovens e adultos.

Desta forma é possível a busca de ações entre educandos e educadores para os fins sociais que sonhamos, queremos e acreditamos. Através da Educação voltada para a melhoria das práticas sociais, os resultados se voltarão aos cidadãos que desempenharão melhor seus efetivos papéis sociais em busca da realização plena e comunitária.

Assim deve ser na EJA, na Educação Popular, não importa o termo que se use, o que realmente importa são nossas atitudes diante do que vemos e do que vivemos. Que as idéias e ideais de verdadeira humanização floresçam a cada dia e que cada educador se encante e re(encante) na construção de suas aulas, pois ser conquistado pela humildade presente nos alunos de EJA é fácil e contagiante. Mesmo que o educador nunca tenha entrado numa sala de EJA, se for sensível e se possuir os ideais da

educação conseguirá desenvolver um trabalho gratificante e edificante. E que a vida, acima de tudo, agradeça pelo bem que a Educação traz para um povo sofrido e oprimido!

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, M. **Estética de Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV) **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BARCELOS, Valdo. **Formação de professores para Educação de Jovens e Adultos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- BRONCKART, J. P. **Atividade de Linguagem, textos e discursos**. São Paulo: Educ, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 33ª ed. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2006.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. 41ª ed. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2005.
- KLEIMAN, Ângela. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- KLEIMAN, Ângela. **TEXTO E LEITOR: Aspectos Cognitivos da Leitura**, 2ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1992.
- MADEIRA, Vicente de Paulo Carvalho. **Para Falar em Andragogia**. Programa SESI: Educação do trabalhador, v. 2.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e Letramento**. São Paulo: UNESP, 2004 (Coleção Paradidáticos; Série Educação)
- OLIVEIRA, Ana Arlinda de. **Leitura, Literatura Infantil e Doutrinação da Criança**. Cuiabá: EdUFMT/Entrelinhas, 2005.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Jovens e Adultos como Sujeitos de Conhecimento e Aprendizagem**. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org). **Educação de Jovens e Adultos: novos leitores, novas leituras**. Campinas, Sp: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB; São Paulo: Ação Educativa 2001. (Coleção Leituras no Brasil).
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Ensino Fundamental. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1999.
- PINTO, Álvaro Vieira. **Sete Lições sobre Educação de Adultos**. 2ª ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1984.

SABAJ, Maria Eugenia Parra. La etnografia de la educacion. Chile: Universidade do Chile, Faculdade de Ciências Sociais, 1998.

Salto para o Futuro – Educação de jovens e adultos. Secretaria de Educação à Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999. 112 p.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE MATO GROSSO. BRASIL ALFABETIZADO. **O Projeto Letração e seus fundamentos.** Cuiabá-MT: SEDUC, 2004..

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **O Ato de Ler: Fundamentos Psicológicos para uma Nova Pedagogia da Leitura.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1984.

SOARES, Leôncio. **A formação do educador de jovens e adultos.** In: SOARES(org.) **Aprendendo com a diferença:** estudos e pesquisas em educação de jovens e adultos, Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOARES, Leôncio. **Do direito à educação e à formação do educador de jovens e adultos.** In SOARES, GIOVANETTI E GOMES (orgs.) **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOARES, Magda. **Letramento e Alfabetização: as muitas facetas.** Revista Brasileira de Educação, 2003.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento.** São Paulo: Contexto, 2002.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1988.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do Pensamento e da Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

